

BERTOLINI, Juliana
Mestre, Universidade Presbiteriana Mackenzie
ROLIM, Marion V.
Mestre, Universidade Anhembi Morumbi

Saberes em Ziguezague

Knowledges in Zigzag

BERTOLINI, Juliana “Design, Universidade Presbiteriana Mackenzie”

ROLIM, Marion V. “Design, Universidade Anhembi Morumbi”

Resumo

Este artigo, composto a partir das conversas tramadas nos encontros do *GEZZ - grupo de estudos Ziguezague: transversalidade e Design de Moda*, na Universidade Anhembi Morumbi, trata-se da colagem de três diferentes pesquisas, que inter-relacionam ziguezague e espaço, formas biológicas e design, a roupa como paisagem. As abordagens de cada pesquisa e sua mistura na construção textual, criam associações entre saberes, dialogam com a moda e exploram o conceito de ziguezague proposto pelo filósofo Gilles Deleuze.

Palavras Chave: ziguezague – design – correspondências

Abstract

This article was written based on conversations wove during the GEZZ meetings (Group of Zigzag Studies: Transversality and Fashion Design). The text is a collage of three different researches and its inter-relation in between zigzag concept and space, biological forms and design, and the cloth as a landscape. Each research has a particular approach and the three are mixed during the text construction. This text strategy creates associations between different knowledges, and it dialogues with fashion and explores the Gilles Deleuze’s concept of zigzag.

Key Words: zigzag – design – correspondences

Introdução

Este texto, apresentado como artigo através de múltiplas vozes, explora o conceito de ziguezague proposto pelo filósofo Gilles Deleuze em seu *Abecedário*¹. O trajeto textual se dá através da concatenação de três diferentes pesquisas que criam associações entre saberes e dialogam com a moda.

As autoras dessa interlocução integram o GEZZ - grupo de estudos Ziguezague²: transversalidade e Design de Moda, sediado no programa de pós-graduação em Design da Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo, coordenado pela Profa. Dra Cristiane Mesquita.

Muitas das ideias relacionadas neste texto surgiram da bibliografia estudada e de conversas tramadas nos encontros do GEZZ. Assim, os ziguezagues acontecem de diversas formas e em camadas. Primeiramente, na inter-relação proposta por cada pesquisadora em textos individuais, reflexos de pesquisas que articulam, respectivamente, vivências e desejos ativados através do grupo e o conceito deleuziano.

Uma das pesquisas inter-relaciona ziguezague e espaço, fazendo referência ao processo performativo dos deslocamentos, à linguagem e a microculturas. Outra, faz uma reflexão da roupa como paisagem, da troca como exercício diário de escolha, mapeando sob o olhar de artista, rotas para flunar por uma moda que se permite aos acasos. E a terceira, inter-relaciona a criação na natureza, as formas biológicas e a criação no Design, gerando analogias e especulações.

Ao mesmo tempo, há uma construção textual ziguezagueante, que no desvio, entrecorta os três textos, misturando-os, quebrando a trajetória linear e individual, para gerar correspondências e um entendimento associativo e sensorial.

¹ BOUTANG, Pierre-André. **O Abecedário de Gilles Deleuze** – Éditions Montparnasse, Paris, 1994 e maio de 1995. Realização de Pierre-André Boutang e Claire Parnet. Éditions Montparnasse, Paris. Tradução e legendas: Raccord [com modificações]. 1988-1989. Transcrição disponível em: <www.oestrangerionet/index2.php?option=com_content&_pdf=1id=67>. Entrevista concedida a Claire Parnet onde o filósofo francês Gilles Deleuze discorre sobre suas idéias, conceitos e experiências de vida, através das letras do alfabeto.

² Os encontros, quinzenais, iniciaram em 2010 e tem como proposta investigar as transversalidades produzidas no âmbito de teorias e práticas do design de Moda. A partir de reflexões em torno do conceito de "ziguezague", assim como proposto pelo filósofo francês Gilles Deleuze e partindo de suas abordagens sobre criação em arte e filosofia, pesquisando interfaces do campo da moda com outros campos do conhecimento, assim como suas reverberações.

Espera-se dessas camadas, que não sejam hierárquicas ou encerrem conteúdos em um espaço claramente detectável, como as camadas do solo, cada uma com sua cor, densidade ou espessura. Mas que, mesmo mistas, com diferentes desenhos, texturas e ritmos, produzam/componham uma imagem singular na sua multiplicidade.

Há ainda a apresentação dos desvios propostos no artigo, através da colagem ziguezague-ruído-texto-imagem-video, sob forma de performance. É assim que as autoras assumem a experimentação e o risco da pesquisa. E valendo-se da voz de Orlandi, seguem: “Nossa conversa está apenas explorando aspectos da universalidade do ziguezaguear sem nos preocuparmos em determinar se essa exploração é rigorosa ou não conforme esta ou aquela exigência deste ou daquele filósofo”. (ORLANDI, 2010:17).

Prática Ritmada do Desvio

Começo este texto na estrada, precisamente, num carro em movimento em direção ao litoral norte gaúcho.

Saindo da cidade, a rodovia desenha uma linha reta para o norte. Mas depois de percorrermos uma centena de quilômetros, ‘costurando’ (com responsabilidade) o trânsito, em busca de melhores posições no fluxo de veículos, desviaremos para o leste, até encontrarmos outra estrada para o norte, para enfim, quebrarmos à leste e chegarmos ao mar.

Acima de nós, um avião – essa “criatura ‘enorme’ e ‘complicada’ que desafia seu peso e o caos da troposfera para seguir sereno pelo firmamento [que,] sempre decola para [...] o ‘Qualquer lugar! Qualquer lugar’ de Baudelaire”, como nos lembra Botton (2003:47), tendo recém decolado do aeroporto Salgado Filho, também segue seu rumo para o norte. Mais à frente, diblará o ar para o oeste e outra vez para o norte, até chegar a algum lugar. Quem sabe?! São Paulo - de onde eu deveria estar falando agora.

Neste momento, tenho maior familiaridade com esse percurso aéreo e isso se deve às inúmeras vezes que o percorri entre São Paulo e Porto Alegre, nos últimos cinco anos.

Mas o que a sobreposição de trajetos performativos, movimentos oblíquos e tantos desvios tem a ver com ziguezague?

Estas manobras cotidianas entre as cidades enfatizam a espacialidade da questão zigzague, que nos indica um modo de atuar no espaço (seja qual for sua natureza) e/ou, de ativar o espaço para fazê-lo atuar, sem que seja preciso sair do lugar.

Bem como, nos reporta aos deslocamentos e 'costuras' banais que fazemos pelos territórios das redes digitais - skype, facebook, google, wordpress, youtube, email, telefonia... que nos permitem estar aqui, em outras cidades E por aí.

O impulso para o deslocamento é inerente ao conceito de território, conforme explica Deleuze³, quando diz que “o território só vale em relação a um movimento, através do qual se sai dele, [mas que] não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte” e assim por diante, numa espécie de jogo sem fim.

Zzzzzzzzz

Há tempos não escrevo à mão, e aqui estou, com uma folha completamente rabiscada, rasurada, desenhada, ou como queira chamar este início de conversa, que para ganhar forma tem que desalinhar contornos. Em meio a essa grafia-paisagem vou começando essa conversa (troca? correspondência?) no meu jeito de sempre desajeitado, que venho percebendo cada vez mais ser parte do meu modo de viver e criar.

E no aconchego do papel, vou criando rotas por uma grafia desarranjada. Eu mesma não entendo mais o que escrevo. Vou apertando o olho, ajustando a vista, tomando distância. A escrita nesse caderno de esboço vai se tornando guia turístico por fragmentos de uma paisagem por vir.

Assim como a roupa, também fragmento de paisagem, de si. A roupa é janela. O buraco da fechadura do *voyeur*. Inspira o prazer da observação, de olhar o outro como um fundo infinito a partir das suas composições. Imaginar o que o leva a escolher tais cores, formas, seu modo de vestir, de compor diário. Mas há de lembrar que, embora essa janela esteja aberta, é apenas uma janela, um enquadramento sob um ponto de vista, de um determinado momento, de um segundo, de um dia ou de uma vida. A roupa, nas nossas composições diárias, torna-se passagem para o olhar, acabamento que define e delimita fragmentos de totalidade. Pois acredito que só o fragmento dá conta do implícito de um todo.

³ 'O Abecedário de Gilles Deleuze' parte: A de animal. Ver nota 1

ZZZZZZZZZ

O mundo que fazemos surgir, os mundos que produzimos podem ser resultado de cruzamentos , de intersecções , ou ainda de pequenos *big-bangs* com as matérias de invenção que escolhemos ou que encontramos. Neste jogo, acaso, sorte, potências, movimentos naturais que produzem e são produzidos, misturam-se, explodem e dão origem a outros *big bangs*, numa relação contínua e, por vezes, interdependente.

Para os biólogos Maturana e Varela, estamos, como seres que fazem parte da natureza, num processo de conhecimento em movimento, em ação, sem descontinuidade entre o que é social e o que é humano-biológico: “Todo ato de conhecer faz surgir um mundo” e “(...)toda reflexão faz surgir um mundo” (MARIOTTI,2001:10). Desta forma, estamos em constante produção de mundos. Ao mesmo tempo, nos lembra o biólogo alemão Ernst Mayr, que: “Existem muitos mundos, dos quais apenas um nos é acessível.” (MAYR, 2008:108) Isto porque nossos sentidos e percepções, enquanto humanos, estão limitados ao *mesocosmos*: uma parcela de tudo que existe, que vai das moléculas até a Via Láctea. Lidamos com o mundo e construímos outros dentro da limitação de nossas percepções, de nossa constituição orgânica.

Nossas células, sistemas vivos que nos compõe, organizam-se para absorver o meio e produzir, sendo ao mesmo tempo, unidade e parte inseparável do todo, “ser e fazer” indissociáveis, re-organização dos mesmos elementos e produção incessante de novos. É como a vida, somos em movimento, nos rearranjamos e estabelecemos um constante intercâmbio de fluxos, retro-alimentação com o meio, meio que faz parte do que somos.

ZZZZZZZZZ



**Figura 1 : colagem ziguezague 01 a partir do material audiovisual que acompanha o artigo.
Fonte: diversas**

Para pensar o significado de ziguezague, Deleuze⁴ lembra o natural ZZZ da mosca e se refere a um fenômeno que ‘ninguém vê’ e se trata de uma ativação (?), uma costura (?) que se dá entre potenciais diferentes, capaz de promover uma reação visível: ‘um raio’ “que ilumina”.

O filósofo lembra que desse processo nasceu o mundo. Acredita que é este o trabalho do sábio e que isso também deveria acontecer no pensamento, na filosofia...

Assim, inspirada na energia e no movimento sinuoso do ‘raio’, apresento outras correspondências cotidianas com a questão ziguezague.

Na comunicação entre línguas estrangeiras é comum nos perdermos na tradução. Basta uma mudança de entonação, de acento, uma troca de palavras para causar alguma confusão, criar outras interpretações, palavras híbridas e novos sentidos. Esse ziguezague diverte, abre a linguagem e a liberta de sua exatidão.

⁴ ‘O Abecedário de Gilles Deleuze’ parte: Z de ziguezague. Ver nota 1

Isso também acontece numa tradução automática de textos para diversas linguagens feita no 'translator'⁵.

O trecho, a seguir, é um exemplo de ziguezague poético e instantâneo entre linguagens. Foi encontrado na Internet, já traduzido para o português, na página do zazzle e 'descreve' um novo shape de skate com padrão gráfico listrado em amarelo e preto, similar às fitas zebradas para isolamento de áreas, conforme segue :

O perigo do ziguezague listra o skate. Teste padrão amarelo da construção.
O perigo amarelo listra a textura que é resistida, vestido e grunge-olhar.
Telhas sem emenda como um teste padrão em algum sentido. Um projeto fresco da placa que gire as cabeças! (ZAZZLE)⁶

E por falar em skate..., o skateboarding também se relaciona com o movimento pendular..., rasgado. Andar de skate exige de seus adeptos o impulso do corpo para a direita, para a esquerda, o giro do skate para cima, para baixo e manobras em ziguezague para acelerar o movimento numa superfície plana e/ou manter o atrito e o controle nas descidas... Mas é na modalidade *Slalom* que esta manobra se radicaliza, privilegiando o espaço, a velocidade, dependendo da técnica e independente da superfície.

Ao praticar o *slalom*, o skatista se move com precisão e velocidade entre cones alinhados, sem os derrubar. Para isso, o skate deve ser menor e mais estreito que os convencionais.

No asfalto, o slalom ainda pode ser praticado com patins, rollers e carros. Também tem prática do *slalom* no esqui alpino, aquático e na canoagem.

Ainda sobre deslocamentos e desvios, é interessante pensar quando, independente de uma modalidade esportiva, de modo intuitivo ou não, nos movemos em ângulos, ou seja, criamos um curso em ziguezague para minimizar o esforço e a impossibilidade mecânica/biológica de subir e descer uma montanha, uma ladeira ou qualquer terreno íngreme.

⁵ Site tradutor automático de linguas estrangeiras

⁶ Zazzle é o nome do site internacional de varejo de produtos customizáveis. O texto traduzido acima aparece em inglês - versão original, da seguinte maneira: "zig zag hazard stripes skateboard- yellow construction pattern. Yellow hazard stripes texture that is weathered, worn and grunge-looking. Tiles seamlessly as a pattern in any direction. A cool board design that will turn heads!"

http://www.zazzle.com.br/o_perigo_do_ziguezague_listra_o_skate-186928916053088374

ZZZZZZZZ

Roupa, moldura de intenção entre o mundo e nós, mas também véu, tela redobrada pelo cotidiano, pela troca de roupa de todo dia. Exercício de mudança. “Exercício diário de escolha”. Enquadramentos que remetem a uma paisagem inacabada para o olhar do outro, que nunca vai conseguir adentrar nessa outra paisagem por completo, sempre haverá o dia seguinte, a troca de roupa, outra configuração. Pele que se troca diariamente e entra em relação com as paisagens de si mesmo e com percursos com os quais se vive. Tentativa de mudança constante para acomodar o incômodo, que é incessante. Pois somos paisagem infinita, continuação atrás da moldura que vai para bem longe. E nessa tela, um mínimo movimento promove o deslocar que acaba por contemplar de novo uma nova paisagem dentro da mesma.

E claro, o desejo de ser um outro de cada um. O mundo hoje não pede, demanda, essas novas paisagens de si constantemente. A necessidade de se reconfigurar para achar lugar nos inconstantes da vida. Contudo, assim como Wenders, tenho sempre a sensação de que criamos uma imagem de nós mesmos e estamos sempre tentando nos parecer com essa imagem. Talvez a reconciliação dessas duas imagens que criamos e a que tentamos nos parecer é que surge o si mesmo, algo sempre inacabado, em tentativa.

ZZZZZZZZ

Para Deleuze, em seu abecedário: “A base de tudo não é o Big-Bang, mas o Z”, o Z como “forma de relacionar dois grandes potenciais”⁷. O raio, a luz, a explosão criadora. O “Z” e o “Zigue Zague”: o trajeto da mosca! A costura-percurso: invisível, mas evidente quando explosão. O “ZZZ da mosca”, o movimento que pode construir um mundo. Mundo que surge a partir da ação de ligar dois potenciais.

Talvez seja como o projeto *Fly Lamp* das designers suecas do *Front Design* na série *Designed by Animals*⁸, que significa: desenhado por animais. Uma luminária, peça de design, utilitária, construída através do cruzamento do ZZZ da mosca, com a tecnologia. O vôo do inseto-mosca-operária-atriz-biológica ao redor de uma lâmpada é captado por câmeras. Este trajeto construído com o movimento, gera uma imagem, um desenho digital 3D (desenho-máquina-tecnológico-inorgânico) e tem então suas formas interpretadas num produto-utilitário-inorgânico. A mosca é co-autora do projeto, ela faz o desenho da luminária. E num Ziguezague funda-se um mundo-produto.

⁷ O abecedário de Gilles Deleuze, letra Z, ver nota 1

⁸ Front Design, disponível em <<http://www.designfront.org/category.php?id=66&product=31>>



Figura 2 : colagem ziguezague 02 a partir do material audiovisual que acompanha o artigo .
Fonte: diversas

ZZZZZZZ

Um último encontro trata de Moda e ziguezague que, além de ser o nome de um ponto de costura, parece ser o modo como as culturas do leste e do oeste se influenciaram ao longo da história do vestuário, bem como, acontecem as revisitações da (e na) História da Moda no século XX e além.

Lembrando o fenômeno descrito por Deleuze e a ativação entre potenciais diferentes, talvez, um exemplo iluminado, de humor anárquico e cultura pop seja o da marca inglesa de T.shirts *African Apparel*.

A primeira provocação acontece no nome, uma explícita referência à badalada marca estadunidense, *American Apparel*. A segunda está na criação de estampas inteligentes que promovem encontros inusitados e fazem ziguezague entre o que se vê e o que se conhece.

Na primeira estampa da série 'artistas', um músico negro aparece fumando sob o nome 'Bob Marley' e a nota no site da marca comenta :“BOB MARLEY é um dos rostos mais conhecidos do mundo moderno! Certo? Aqui na African Apparel decidimos immortalizar isso em nossa primeira T. Shirt. (...) JAH RASTAFARI !!” (AFRICAN APPAREL)⁹

No entanto, a imagem estampada é de Jimmy Hendrix... Com isso, entendemos que transversalizar, também pode ser criar confusão estratégica entre significados e imagens.

E assim, já no litoral norte gaúcho, em busca de sabedoria Z(en), me posiciono de frente para o mar e observo o movimento ritmado das águas – o eterno vai e vem e os desvios das ondas sob o céu... um céu de nuvens e mais nuvens... de umidade condensada, de bichos, de árvores, de pessoas, de asfalto, de tags, de palavras, de ícones, etc... que ao serem acionados, misturados, podem criar outros territórios e compor novas paisagens zigzagueantes.

ZZZZZZ

Pensar a moda como aquela que engole tudo que passa pela frente, em sua voracidade, velocidade de furacão, pode ser nauseante para muitos. Mas essa lógica de produção e consumo de imagens massificadas, de fórmulas prontas que acabam por aniquilar quase por completo percepções e subjetividades, talvez seja algo como olhar a cidade de São Paulo do alto, uma massa em movimento, caótica, um conjunto de forças numa certa constância, onde tudo funciona sempre em relação a um outro. Aglomeração que cria correspondências, contaminações sucessivas que se configuram no acontecimento das múltiplas relações em trânsito.

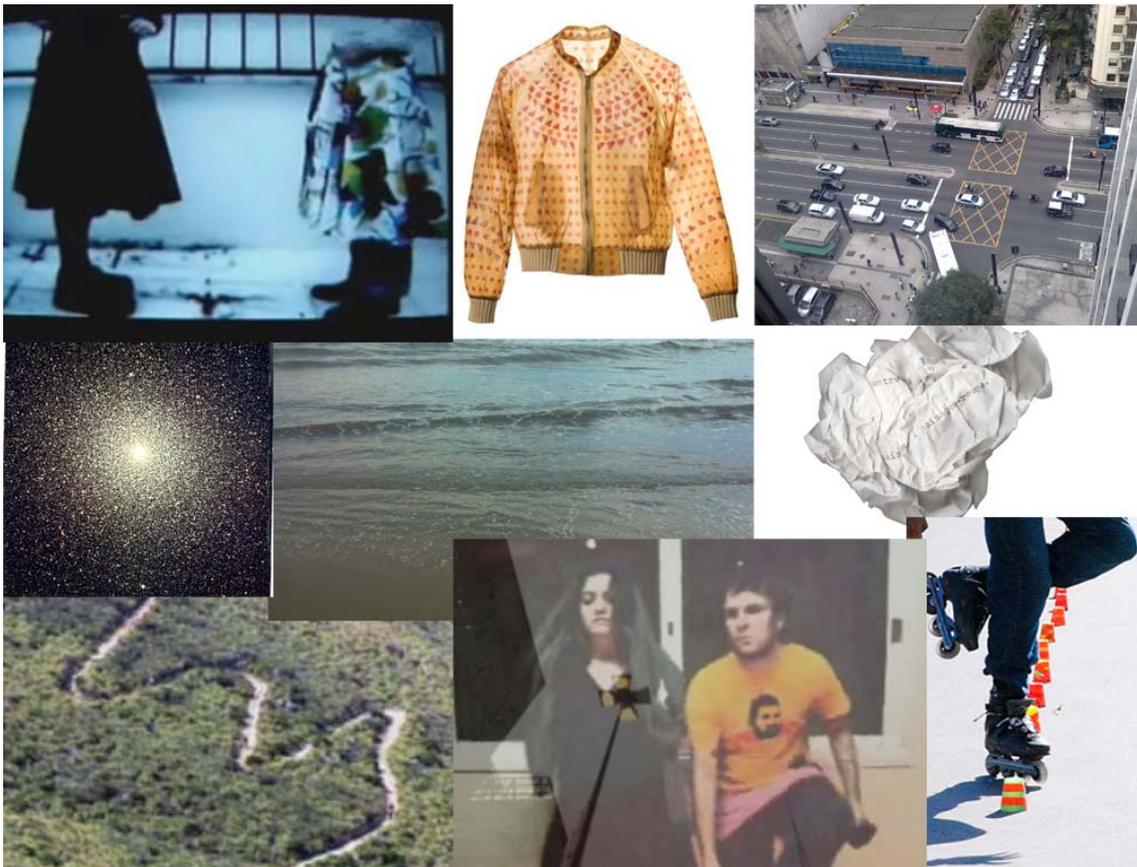
A moda faz as coisas se movimentarem, é filme sem fim, troca infundável, *road movie* com roteiro em aberto. E o divertido é justamente driblar esse furacão, tomar os desvios das ruas estreitas desse movimento-moda, sempre em trânsito acirrado na correria da cidade. Tornar a roupa lugar de fronteira, que não só determina territórios, como também os liga ao exterior, criando relações. Moda, aquela que une por seu sistema e se recria pelos desvios. Meu maior prazer é sabotar, subverter, quebrar as possibilidades de um sentido único nesse lugar-moda. Quero mais é criar narrativas que aconteçam nos cruzamentos, diagonalmente. Desestabilizar nossas

⁹ Disponível em <<http://africanapparel.bigcartel.com/product/john-marley-t-shirt>>

compreensões da vida, me jogar do alto desse prédio e injetar sutilezas, incertezas, gritar e sussurrar para criar sons que se recombinaem e se estranham entre si.

Mas deixo meu mapa aberto, a escrita-rabisco como guia turístico de possíveis caminhos a seguir. E agora, partimos para outros mapas ou criamos linhas ao acaso para recriarmos nossas rotas?

Zzzzzzzz



**Figura 3 : colagem ziguezague 03 a partir do material audiovisual que acompanha o artigo .
Fonte: diversas**

Os Ziguezagues são familiares à complexidade contemporânea plural, sobreposta, que arranja e rearranja encontros, muitas vezes potencializados por tecnologias, mas tornando-se cada vez mais orgânicos em seus modos de funcionamento.

Seria como a pesquisa *Biocouture*¹⁰ da inglesa Susanne Lee, desenvolvida na *Central Saint Martins* em Londres. *Biocouture* pesquisa o uso de um material feito de celulose, crescido a partir de bactérias que se desenvolvem no chá verde. São

¹⁰ Disponível em < <http://www.biocouture.co.uk/>>

confeccionadas peças de roupa a partir do material, que se forma em banheiras cheias de chá verde, como se catalisassem sobre a superfície do líquido. As placas recolhidas dessas banheiras, ainda úmidas, são modeladas nos manequins, dando formas as roupas. O material é facilmente decomposto e reabsorvido pela natureza. Um Ziguezague entre moda e biologia, fundando uma proposição orgânica, um modo de fazer, é uma roupa-organismo-orgânica-funcional. Um encontro entre um fenômeno natural e a manipulação do homem. Um “design híbrido” – definiria a pesquisadora italiana Carla Langella (2007).

Talvez estejamos caminhando para uma compreensão orgânica das coisas que nos cercam. Coisas-objetos-funcionais, conhecimento em ação, multiplicação e “criação a partir de”. Quase como as folhas em fotossíntese, trocando substâncias com o ar, incorporando-os nas suas composição, transformando-o em alimento, gerando subprodutos transformados. Seguimos fazendo Ziguezagues, em processos de relações e relações em processo, e que façamos nascer mundos e universos paralelos.

Referências bibliográficas

BAUDELAIRE, Charles & RUSKIN, John. *Paisagem moderna: Baudelaire e Ruskin*. Porto alegre: Sulina, 2010.

BOTTON, Alain de. *A arte de viajar*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BRISSAC, Nelson Peixoto. *Paisagens Urbanas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

CARLSON, Marvin A. *Performance: uma introdução crítica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CANTON, Katia. *Narrativas Enviesadas*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

LANGELLA, Carla. *Hybrid Design: Progettare tra Tecnologia e Natura*. Milano: FrancoAngeli, 2007.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis: Vozes, 1996.

MATURANA, Humberto & VARELA, Francisco J. *A árvore do Conhecimento: As Bases Biológicas da Compreensão Humana*. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MAYR, Ernst. *Isto é Biologia: A Ciência do Mundo Vivo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MESQUITA, Cristiane & PRECIOSA, Rosane. (Org.) *Moda em ziguezague: interfaces e expansões*. São Paulo: Editora Estação das Letras, 2010.

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

Sites Consultados

African Apparel . disponível em <<http://africanapparel.bigcartel.com/product/john-marley-t-shirt>> acesso em 03/06/2011

Front Design, disponível em: <<http://www.frontdesign.se/portfolio.htm>> acesso em 02/11/2008

Zazzle, disponível em

<http://www.zazzle.com.br/o_perigo_do_ziguezague_lista_o_skate-186928916053088374> acesso em 03/06/2011

Filmes

Caderno de notas sobre cidade e roupas. Direção: Wim Wenders. Alemanha, 1989.
1 vídeo-disco (79 min), DVD, son., color.

BOUTANG, Pierre-André. *O Abecedário de Gilles Deleuze* – Éditions Montparnasse, Paris, 1994 e maio de 1995. Realização de Pierre-André Boutang e Claire Parnet. Éditions Montparnasse, Paris. Tradução e legendas: Raccord [com modificações]. 1988-1989. Transcrição disponível em: <www.oestrangeronet/index2.php?option=com_content&_pdf=1id=67>